

MPE espera por laudo de inspeção em alas do Huse

Vigilância Sanitária ganha prazo de dez dias para apresentar relatório



Gabriele Frades
DA EQUIPE JC

PROCL
COORDENA
RECC

ÇÃO

A Vigilância Sanitária de Aracaju recebeu do Ministério Público do Estado (MPE), o prazo de 10 dias para apresentar o laudo final da reinspeção realizada nas alas Vermelha e Amarela do Hospital de Urgência de Sergipe (Huse). A primeira parte do laudo já foi apresentada e, após visita realizada pelos representantes do MP e da vigilância ao Huse, foi constatada uma melhora significativa na garantia do atendimento aos pacientes nas alas Verde e Azul da unidade.

“A parte do pronto-socorro e do serviço às pessoas já se encontra numa situação melhor e mais adequada para prestar assistência aos pacientes, mas alguns itens ainda precisam ser cumpridos e por isso o MPE deu um prazo de 10 dias para que a vigilância apresente o último laudo de reinspeção sanitária das alas Vermelha e Amarela. Lá, os problemas de superlotação continuam existindo e embora haja um esforço muito grande por parte da administração para resolver o problema, ele ainda persiste por falta de leitos críticos no Estado para fazer assistência”, explicou a promotora **Euza Missano**, responsável pela promotoria da saúde.

Pensando em reverter essa situação, corre hoje paralelamente ao processo de inspeção do Huse, um outro que versa sobre a necessidade do Município de Aracaju ampliar a quantidade de leitos críticos para sua regional, pois de acordo com dados levantados pela própria gerência do Huse, 50% dos pacientes assistidos pelo hospital são provenientes da capital. “Por isso estamos com esse processo em andamento, aguardando apenas o laudo da vigilância para uma possível formação de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), para garantir a melhoria e a qualificação da assistência médica à população”, completou Euza Missano.

Uma nova audiência será marcada no MPE, com os representantes do Município, para discutir a ampliação da

quantidade de leitos críticos na capital, porque segundo a promotora, o que está provocando hoje a superlotação do Huse é a unidade estar recebendo sozinha todos os pacientes estabilizados nos hospitais da Zona Norte e da Zona Sul, para receberem assistência no Huse. “Queremos saber por que é que essa situação está acontecendo e procurar uma solução para que os pacientes não terminem morrendo sem assistência por falta de vagas ou de estrutura. Uma solução tem que ser pensada com urgência e sentaremos com a prefeitura para poder discutir”, alega a promotora.

Já a superintendente do Huse, a médica Madeleine Ramos dos Santos, comemorou a comprovação dos avanços na unidade, mas alega que sem o suporte para os novos leitos, a qualidade do serviço não tem como ser estabilizada por

completo. “Esse é um momento muito importante para toda gestão do Huse pelo reconhecimento público do próprio MP de que as ações que estão sendo implantadas dentro do hospital estão surtindo efeito. Ouvir dos representantes da vigilância sanitária que realmente houve melhorias na condição e na qualidade do atendimento é o resultado esperado depois de um ano de trabalho de todos aqueles que fazem a administração do Huse. Mas só isso não é o bastante, pois sem que consigamos ampliar a quantidade de leitos críticos do hospital, pouca coisa vai mudar daqui para frente”, afirma.

Ainda de acordo com Madeleine, existem hoje, ativos no Huse, 53 leitos críticos, de unidades fechadas, mas esse número será ampliado em cerca de 90 dias com a entrega de mais 17 novas UTIs. “Com isso

vamos ter a manutenção dos que já existem e um acréscimo de mais 17, no nosso quadro. Esse é um bom aumento, porque vai nos possibilitar contar com um total de 70 leitos, mas esses ainda não serão suficientes para atender a demanda existente hoje em Sergipe. Precisamos que mais leitos críticos e de retaguarda sejam criados com urgência. Tradicionalmente acreditava-se que a maioria dos pacientes do Huse viesse de outros locais, mas com a constatação de que 50% do quantitativo de pacientes vem de Aracaju, essa realidade muda, porque a pergunta que fica é: por que essas pessoas não são atendidas pelas unidades básicas de saúde? Essa é uma estatística que só nos mostra a necessidade real que existe atualmente de leitos críticos e de ações eficazes na atenção básica”, finaliza.